

## **Expressões da sociedade contemporânea no turismo de aventura**

*Lorena Macedo Rafael Dantas<sup>1</sup>  
Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da relação entre a sociedade atual e o turismo de aventura fundamentado no entendimento que o estudo do espaço geográfico deve ser realizado à luz dos processos sociais que o produziram. A abordagem aqui tomada privilegia as condições sociais vigentes e as suas determinações na vida humana contemporânea por considerar que a compreensão do turismo de aventura, para além da sua natureza conceitual, demanda estudos sócio-históricos. A complexidade e a contemporaneidade do tema determinam sua amplitude e a impossibilidade de pensá-lo como um processo restrito e isolado. Conclui-se destacando que a prática das atividades de aventura, no âmbito do turismo, revela-se como expressões do quadro social contemporâneo, marcada pela aceleração da vida cotidiana, instabilidade do trabalho, avanço das tecnologias, compressão do tempo-espaço, como também na forma de oportunidade de renovação na vida humana.

**Palavras-chave:** Sociedade contemporânea; Modernidade; Turismo de aventura.

### **Introdução**

Em face da explosão neste novo milênio do fenômeno da aventura, particularmente no âmbito do turismo, e da atração de uma proporção significativa da população para a experimentação dos esportes radicais<sup>3</sup> observa-se a necessidade de estudos sócio-históricos para a compreensão da natureza deste processo.

Tomando por base o pressuposto de que o estudo do espaço geográfico deve ser realizado à luz dos processos sociais que o produziram, propõe-se para o presente trabalho uma reflexão acerca da prática das atividades de aventura, no contexto do turismo, como expressão da sociedade contemporânea.

---

<sup>1</sup> Universidade Vale do Itajaí - UNIVALI. E-mail: lmrddantas@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Vale do Itajaí - UNIVALI. E-mail: raquelfontes@brturbo.com.br

<sup>3</sup> Para o desenvolvimento do presente estudo os enunciados esportes radicais e atividades de aventura foram adotados como sinônimos, mesmo tendo ciência do debate que circunda essas práticas.

Objetiva-se, sobretudo, apresentar uma discussão a respeito da relação entre as características da complexa sociedade de nosso tempo – aceleração da vida cotidiana, instabilidade do trabalho, avanço tecnológico, estreitamento do espaço e do tempo – e a valorização das atividades de aventura.

Compreender a manifestação dessas práticas para além de sua natureza conceitual implica compreendê-las nas suas “múltiplas determinações” (MARX, 1996), como uma atividade social e culturalmente mediada que expressa a objetividade das relações sociais e o espírito do nosso tempo.

Entende-se o turismo de aventura como a viagem que envolve a prática de atividades de aventura em ambientes aéreos, aquáticos ou terrestres e que está diretamente associada ao risco, à tecnologia e à ecologia, temáticas atualíssimas que penetram e interferem nos modos de vida contemporâneos.

Portanto, apresenta-se a seguir uma breve argumentação acerca do conflito de caracterização da sociedade atual, a partir da distinção conceitual entre as concepções da modernidade e da pós-modernidade, e a relação das características da vida social contemporânea com o turismo de aventura.

## **Sociedade Contemporânea**

Tendo em vista o extensivo debate que permeia os estudos de muitos cientistas sociais em relação à configuração da sociedade atual, pensou-se ser necessário trazer à discussão as idéias que sustentam a defesa da contemporaneidade enquanto modernidade e enquanto pós-modernidade, no intuito de distinguir as características dos projetos modernos dos pós-modernos e, conseqüentemente, sinalizar a configuração da vida social do presente tempo.

Tomando como referência a teoria sociológica alemã do final do século XIX e do começo do século XX, Featherstone (1995) argumenta que a modernidade contrapõe-se à ordem tradicional, representando uma progressiva racionalização e diferenciação econômica e administrativa do mundo social. De maneira mais específica, Wood (1999) esclarece que o surgimento da era moderna se deu pelo seu divisor de águas, o iluminismo, mesmo que este tenha alcançado a fruição no século XIX.

Sob a mesma perspectiva, Fortes (1985) explica que a revolução ocorrida na França no final do século XVIII mudou a face do mundo, inaugurando a modernidade. E ao conjunto de

idéias que sustentou tais revolucionários se nomeou iluminismo ou “filosofia das luzes”, sendo as luzes a representação da valorização da razão humana. De modo geral, este pensamento significou a tomada de consciência do pensar do homem, e também, conforme Wood (1999), uma feição do racionalismo, do tecnocentrismo, da padronização do conhecimento e da produção, da confiança no progresso linear e nas verdades absolutas.

Ser moderno, de acordo com Berman (1986, p. 15), significa “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

A modernidade, portanto, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas e inerentes (HARVEY, 2002).

Já a pós-modernidade se apresenta como uma linha de pensamento que questiona as noções de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso e emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas. Em oposição ao iluminismo, a pós-modernidade vê o mundo como imprevisível, chegando a provocar um certo grau de ceticismo frente à objetividade da verdade, da história e das normas (EAGLETON, 1998).

Desse modo, ao enunciar a superação ou esgotamento da modernidade, o discurso pós-moderno rejeita a idéia de progresso, abandona todo o sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo o que nela classifica como aspecto do presente (HARVEY, 2002).

Na medida em que não tenta legitimar-se pela referência ao passado, o pós-modernismo tipicamente remonta à ala de pensamento, a Nietzsche em particular, que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele como pensamento racional. (HARVEY, 2002, p. 49)

Eagleton (1998) justifica que tal maneira de enxergar, sustentada por alguns autores, baseia-se na emergência da mudança na forma do capitalismo, ocorrida no Ocidente, na emergência de um mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural.

No que concerne à transformação política e econômica do capitalismo nas décadas de 70 e 80, Harvey (2002) explica que a profunda recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo, retirou o mundo capitalista do sufocante torpor da estagnação da produção de bens e

alta inflação de preços e pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista de rigidez e racionalidade<sup>4</sup>.

Neste espaço social, criado por todas as oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começaram a tomar forma. O novo sistema de acumulação, chamado pelo autor de acumulação flexível que nada mais é do que os outros autores nomearam de capitalismo tardio, se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, aliada à inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 2002).

Para exemplificar tal situação o autor cita a reestruturação do mercado de trabalho. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente para impor regimes de contratos de trabalhos mais flexíveis, além de promoverem a redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado.

Em face desse contexto, a despeito dos argumentos levantados pelos pós-modernistas, pode-se destacar que suas concepções constituem reações a mundo real, às mutações da vida social e, especialmente, à atual situação do capitalismo. Nesse sentido, o modo de produção dominante ainda é o capitalista, porém com uma nova aparência, um capitalismo que se metamorfoseou e que, portanto, transformou a vida contemporânea, mas que não justifica a emergência de uma nova era.

A partir dessas circunstâncias que alguns autores vêm defendendo que a pós-modernidade não passa de uma versão da modernidade. Giddens (1991, p. 54), por exemplo, defende o alcance de um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando cada vez mais radicais e universais do que antes. Por tais motivos, o autor argumenta que não se vive num mundo pós-moderno, mas pode-se perceber, em alguns momentos, a emergência de modos de vida e formas de organizações diferentes daqueles criados pela era moderna, fazendo sentido compreender as mutações no pensamento como “a modernidade vindo a entender-se a si mesma” em oposição da concepção de suplantação da modernidade enquanto

---

<sup>4</sup> Para Harvey (2002), durante o período de 1965 a 1973, a incapacidade do fordismo de conter as contradições inerentes ao capital se tornava cada vez mais evidente. Como exemplo, o autor cita a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e longo prazo em sistema de produção em massa que impedia uma flexibilidade de planejamento em um crescimento estável nos mercados de consumo cambiáveis. E a passagem da economia de escala, buscada na produção fordista de massa, se deu pela substituição da economia de escopo que representou uma capacidade crescente de manufaturar uma variedade de bens a preços baixos, em pequenos lotes. Ademais, a própria política monetária, seguida da onda inflacionária, pode ser tomada como resposta flexível à rigidez do sistema vigente.

tal. Já para Bauman (1999, p. 288) “a pós-modernidade é a modernidade que atinge a maioria, a modernidade olhando-se à distância e não de dentro”.

A partir de idéias convergentes esses autores assumem a continuidade da modernidade, mas não negam as transformações ocorridas nas dimensões sociais e culturais da vida humana no contexto atual. Sob tal perspectiva que se discute, a seguir, as expressões dessas mudanças na vida dos indivíduos contemporâneos.

### **Expressões do quadro social contemporâneo na vida humana**

A nova aparência da modernidade, a modernidade tardia para citar Giddens (1991), é caracterizada por uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto de pressupostos, experiências e proposições do tempo atual de um período precedente. Mais ainda, todas essas mudanças permearam, de forma contundente, a vida humana contemporânea.

De forma articulada com a transformação do capitalismo, Harvey (2002) traz para a discussão a emergência de um novo movimento por ele denominado de compressão do tempo-espaço, o qual se refere ao estreitamento dos horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública, ao mesmo tempo em que surgia a comunicação via satélite e caíam os custos de transporte, possibilitando cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo. Por considerar o espaço e o tempo como categorias básicas da existência humana, o autor enfatiza suas transformações nessa sociedade, justificada pela existência de fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida.

À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave-terra” de interdependência ecológicas e econômicas e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente, temos que aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2002, p.219).

Em face desse processo, consolida-se a idéia de que as transformações ocorridas no modo de controle do trabalho, nas estruturas organizacionais e no quadro sócio-econômico, repercutiram nos modos de vida humana. A exemplo, ao se ter em mente a redução no tempo de giro (chave da lucratividade capitalista) pelo uso de novas tecnologias produtivas

(automação, robôs) e de novas formas organizacionais entende-se a emergência dos novos padrões de consumo.

Outro exemplo que pode ser dado é a exigência da flexibilidade, a qual diante do aumento da competição e dos riscos se tornou fundamental para a sobrevivência das organizações. Sobre esta temática Harvey (2002, p.148) destaca que “a estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo fermento, instabilidade e qualidade fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais”.

Nesse sentido, vale ressaltar aspectos como a flexibilidade dos modos de trabalho e de emprego, a adaptabilidade da força laboral, a volatilidade do mercado, a aceleração da vida, o avanço das tecnologias, a “compressão do tempo-espaço” como nuances evidentes e fundamentais para a compreensão desta sociedade que vem assim se redesenhando e se configurando.

No que se refere ao conhecimento científico e técnico pode-se destacar a sua transformação em mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais. Segundo Harvey (2002, p.42) “o controle do fluxo de informações e dos veículos de propagação do gosto e da cultura populares também se converteram em arma vital na batalha competitiva”.

Ao se pensar tais aspectos no âmbito das relações sociais compreende-se a permanência de uma realidade pautada por critérios de produção, consumo e lucro. Conforme Betrán e Betrán citados por Marinho (2003), a evidência ao culto ao consumo, ao tempo livre e ao prazer se constituem, de fato, em características definidoras do quadro social contemporâneo.

No entanto, paralelamente ao desenvolvimento deste panorama, Werneck (2003) nos lembra que o lazer vem ganhando importância cada vez maior nestes tempos “pós-modernos”, aqui já entendido como moderno. Porém, esta importância se vincula à descoberta do lazer como essência de um fecundo e promissor mercado, capaz de gerar lucros significativos para aqueles que detêm as regras desse jogo de poder social e político praticado em nosso tempo.

Mais precisamente, o lazer passa a ser a forma dominante de apropriação do tempo livre na contemporaneidade, expressão das influências econômicas, políticas, sociais e culturais lançadas pelo capitalismo (MASCARENHAS, 2006). Já Chauí (1999) vai além da análise dessas determinações na vida humana. Para a autora a sociedade atual além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores por meio da organização científica do trabalho também controla o seu tempo livre, através do consumo da indústria cultural, entretenimento e

do turismo. Desse modo, apesar de não estar no trabalho, os indivíduos acabam servindo a ele, em função da cadeia de produção e consumo.

Ademais, pode-se destacar que essa sociedade marcada pela força do consumo e do lucro, também sofre determinações de outros aspectos como a aceleração da vida cotidiana, a globalização e o avanço tecnológico.

Como conseqüências da aceleração generalizada dos tempos, Harvey (2002) destaca a ampliação da volatilidade e da efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. “A sensação de que tudo que é sólido desmancha no ar” - expressão criada por Marx conforme Berman, 1986, p.15 - raramente foi tão persuasiva.

É evidente que tais efeitos repercutiram em toda a sociedade. No domínio da produção de mercadorias, por exemplo, a conseqüência foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilidade. Ao se transpor esses aspectos para as relações sociais percebe-se esta manifestação através do abandono dos valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego às coisas, lugares, pessoas e modos de agir e ser (HARVEY, 2002).

Portanto, essas peculiaridades induzem o pensamento de que se vive num tempo de aceleração, efemeridade e instabilidade e que tais valores se manifestam no lazer desta sociedade contemporânea, aparentemente relacionado com as características do turismo de aventura, que por sua vez revelam a exacerbação da instabilidade e da flexibilidade. Sendo assim, discute-se a seguir essa relação entre a sociedade atual e a busca por práticas de atividades de aventura.

### **Turismo de Aventura e Sociedade Contemporânea**

Para Swarbrooke et al (2003) o turismo de aventura é um fenômeno cada vez mais florescente no novo milênio e atrai uma proporção cada vez maior da população que está em busca de auto-realização e prazer através da participação em atividades físicas e mentais estimulantes, viajando para destinos remotos ou participando de atividades de “pura adrenalina” como parte de suas experiências turísticas.

Dessa forma, percebe-se hoje com um vertiginoso crescimento deste nicho do turismo que está associado ao risco, à aventura, ao contato com a natureza e às tecnologias<sup>5</sup>. Alguns autores vêm procurando entendê-lo à luz das características da sociedade de risco, situando-o como forma de anteparo aos processos de destradicionalização que acompanham a globalização (SPINK et al 2005).

As formas culturais e institucionais de risco-aventura (inerente ao turismo de aventura) podem ser tomadas como ilustração de expansão dos processos de disciplinarização na modernidade tardia.

Essa apropriação do risco-aventura pelos processos de disciplinarização contemporâneos tem como principal indicador a transformação dos esportes de aventura em poderosos mobilizadores de uma complexa indústria, que engloba desde equipamentos sofisticados ao seu uso midiático como meio para o marketing de outros tantos produtos (SPINK et al, 2005, p.17).

Tal abordagem se alinha com as idéias de Harvey (2002) que ressalta o consumo, a produção e o lucro como fundamentos das relações sociais contemporâneas, o que nos demonstra que o turismo de aventura também está impregnado por esses fatores. Nesse sentido, Krippendorf (2000) denuncia a ideologia do consumo que atinge o “turista alternativo”:

Eles põem em ação novos mecanismos de mercado, justamente quando um grande número deles, sobretudo os jovens, são inimigos declarados da nossa ideologia de consumo. Mas, eles próprios se tornaram um mercado! A produção de guias de viagens alternativas, que encontram sempre novas “informações” a distribuir em 1000 exemplares, é um dos aspectos dessa realidade. Outro aspecto são os equipamentos dispendiosos, o saco de dormir especial, a máquina fotográfica (KRIPPENDORF, 2000, p. 61).

Aliado ao consumismo pode-se ressaltar o modismo como um dos aspectos impulsionadores do turismo de aventura. Para Werneck (2000), em nome da busca do prazer estimulado pela fantasia, muitas experiências de lazer acabam subjugando os indivíduos às estratégias de modismo e de homogeneização cultural em diferentes perspectivas. Afinal, o lazer representa, hoje, um tema fundamental para a cultura do consumo, assim como o culto à boa forma, à beleza e à aventura.

---

<sup>5</sup> Durante a Adventure Sport Fair (2007) a ABETA anunciou alguns dados iniciais da primeira pesquisa sobre o mercado de turismo de aventura no Brasil. Foi anunciado que 1.700 empresas ofertam aventura, gerando direta e indiretamente 27 mil empregos. São aproximadamente 3 milhões de consumidores do turismo de aventura e ecoturismo por ano (o mercado não faz distinção conceitual entre essas modalidades), em um mercado que movimentava anualmente R\$ 300 milhões de reais. O levantamento foi realizado entre maio e novembro de 2006 em 15 destinos nacionais.



Dessa forma, numa sociedade dominada pela lógica da produção, consumo e lucro pode-se relacionar o crescente desenvolvimento do turismo de aventura ao presente quadro social marcado pelo avanço das tecnologias, pela aceleração da vida cotidiana e pela compressão do tempo-espaço.

Nessa perspectiva, as tecnologias são entendidas como facilitadoras da prática das atividades de aventura, haja vista a necessidade de equipamentos específicos para realizá-las. Tal fato está intimamente relacionado com a necessidade de habilidades técnicas, o que por sua vez nos recorda aspectos como os da flexibilidade e da efemeridade característicos desta sociedade.

A este ponto da discussão vale trazer à tona os argumentos de Sevckenko (2001, p. 89) acerca das transformações das relações sociais desencadeadas pela revolução tecnológica, esta responsável pela conformação de um novo mundo:

O resultado é uma situação na qual as imagens são mais importantes do que os conteúdos, em que as pessoas são estimuladas a concorrer agressivamente umas com as outras, em detrimento de disposições de colaboração ou sentimentos de solidariedade e na qual as relações ou comunicações mediadas pelos recursos tecnológicos predominam sobre os contatos diretos e do calor humano. É um mundo sem dúvida vistoso, mas não bonito; intenso, mas não agradável; potencializado por novas energias e recursos, mas cada vez mais carente de laços afetivos e de coesão social.

Conforme Marinho (2003) as tecnologias adotadas pelas atividades de aventura permitem aos praticantes uma alteração na percepção corporal, ou seja, há uma maximização dos sentidos, do poder, da força e da coragem. O ser capaz é potencializado através da técnica, da ciência e da tecnologia.

A aceleração da vida cotidiana e a compressão do tempo e do espaço citados por Harvey (2002), fruto da competitividade, da instabilidade do trabalho, da revolução das tecnologias, da globalização, aproximam-se do turismo de aventura na medida em que o turista pode estar transpondo seu modelo de vida para as áreas naturais no momento da prática das atividades. Sendo assim, a instabilidade, a competitividade, a aceleração e o risco que permeiam essas atividades de aventura se mostram como reflexos desta sociedade contemporânea.

Segundo Harvey (2002) a dinâmica de uma sociedade “do descarte” significa mais que jogar fora bens produzidos, significa também ser capaz de atirar fora valores e estilos de vida. Nesse sentido, pode-se fazer uma relação com a descartabilidade e a prática das atividades de aventura, ao passo que se apresenta como notório o desapego do praticante à sua integridade física, pois estes se expõem aos riscos e perigos dessas atividades; outro aspecto que pode ser

associado á lei do descarte é o relativo abandono da rotina, a fim de experienciar novas sensações.

Entende-se, assim, que a “aventura” é cobiçada por uma demanda que de algum modo procura fugir de sua vida cotidiana, tentando descartar-se da rotina. “Ao assumir riscos tendo senso de iniciativa, flexibilidade e rapidez de adaptação, procura-se transferir tais valores para a vida cotidiana, geralmente urbana” (UVINHA, 2003, p.29).

No entanto, a concentração exigida para a prática de algumas atividades de aventura aponta o caráter de individualismo presente na vivência do elemento risco, conforme explica Serrano citado por Uvinha (2003, p.25):

Outro aspecto da “Modernidade” refletido nas viagens à natureza, e que se mescla aos demais e complica as discussões sobre a EA (educação ambiental) através destas, é o surgimento e a afirmação do indivíduo, que nos desdobramentos do capitalismo vai resultar no individualismo contemporâneo.

Se há a emergência do individualismo da modernidade de um lado, a exacerbação dos sentidos através da experimentação da natureza pode ser apresentada como o outro lado desse panorama. Em face deste aspecto, o turismo de aventura não deve ser unicamente entendido como mais uma forma de expressão do consumismo, da instabilidade, da efemeridade, da aceleração desta sociedade contemporânea, haja vista o paradigma das múltiplas determinações (MARX, 1996), sinalizando para um amálgama de proposições que justificam a explosão desse fenômeno da aventura. Ademais, no momento dessas práticas muitos locais naturais podem ser descritos, conforme Macnaghten e Urry referenciados em Marinho (2003), como “ilhas da vida”, as quais oportunizam diferentes tipos de despertar no corpo, permitindo um encontro com suas formas mais complexas no tempo e no espaço, envolvendo a aventura de inúmeras maneiras.

Compreende-se, desse modo, que os turistas e praticantes experimentam a natureza corporalmente, por meio dos sentidos, não apenas de um, mas da maximização de todos, pois como alega Marinho (2003) o corpo do turista experimenta desde efeito de fadiga e de exaustão até as sensações de prazer e alegria advindas do contato com a água refrescante de uma cachoeira, da tranquilidade transmitida pelo som dos animais e pelo perfume exalado pelas flores e plantas.

Contudo, a exacerbação dos sentidos advinda da experimentação do meio natural através da aventura pode se relacionar a diversos fatores como o retorno às origens, a fuga do cotidiano, o aperfeiçoamento espiritual, fatores que se contrapõem às características do quadro social contemporâneo, mas que por ele se justificam.

## **Considerações Finais**

Em face do panorama apresentado pelo presente trabalho, acerca da relação da sociedade contemporânea com o turismo de aventura, ressalta-se que as características inerentes ao atual quadro sócio-econômico são relativamente expressadas na prática dessas atividades. Ou melhor, a aceleração da vida cotidiana, a instabilidade do trabalho, a compressão do tempo-espaço, o consumismo, a descartabilidade, a revolução tecnológica, a efemeridade entre outros aspectos são e estão, circunstancialmente, associadas ao crescimento deste nicho do turismo.

Seja por motivações múltiplas, por renovação das forças, por busca de um equilíbrio espiritual, para se enquadrar numa tribo específica da aventura, por experimentação do novo, ou por puro hedonismo, a vivência dos turistas nas atividades de aventura se apresenta permeada pelas especificidades da vida humana atual.

No entanto, esta relação entre indivíduo-prática de aventura-sociedade não se explica somente pela expressão dos valores contemporâneos, mas também pela criação de oportunidades de renovação na sensibilidade dos indivíduos, por meio da experimentação da natureza, do enfrentamento dos riscos, dos sentimentos de adrenalina, euforia e êxtase, ou seja, pode representar uma resposta a tais valores e um caminho de renovação da vida do homem do presente tempo.

Desse modo, o turismo de aventura revela-se complexo, representando ora uma expressão do presente quadro social, ora uma reação a ele. Contudo, a amplitude, as especificidades e as contradições evidenciadas nesse nicho turístico justificam a realização de estudos que atentem para o contexto sócio-cultural onde ele se desenvolve, na medida em que essas dimensões contribuem para a compreensão do segmento, conforme foi corroborado pelo presente ensaio.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. RJ: Jorge Zahar Editora, 1999.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 15 ed. SP: Companhia das letras, 1986.
- CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. SP: Hucitec, Unesp, 1999.
- EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. SP: Studio Nobel, 1995.
- FORTES, L. R. S. **O iluminismo e os reis filósofos**. 3ed. SP: Brasiliense, 1985.
- GIDDENS, A. **As Conseqüências da modernidade**. 6ed. SP: UNESP, 1991.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 11 ed. SP: Loyola, 2002.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**. SP: Aleph, 2000.
- MARINHO, A. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: Corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, A e BRUHNS, H. T. (Orgs.) **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Do capital. SP: Nova Cultural, 1996.
- MASCARENHAS, F. Em busca do ócio perdido: Idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: PADILHA, V. (Org.) **Dialética do lazer**. SP: Cortez, 2006.
- SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa**. SP: Companhia das Letras, 2001.
- SPINK, M. J.; ARAGAKI, S. S. e ALVES, M. P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.8 n.1, Porto Alegre, jan/dez de 2005.
- SWARBROOKE, J. **Turismo de aventura**. SP: Aleph, 2003.
- UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba**. Tese, Universidade de São Paulo, 2003.
- WERNECK, C. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. BH: UFMG, 2000.
- WOOD, E. M. O que é a agenda pós-moderna? In: In: WOOD, E. M.; FOSTER, J. B. (orgs.) **Em Defesa da História: Marxismo e pós-modernismo**. RJ: Jorge Zahar, 1999.